

TUDO QUE É SÓLIDO SE DESMANCHA NO AR: NARRATIVAS E HISTÓRIAS COMO MOTORES DE VIDA NO PAÇO DO FREVO

Submetido em 01/07/2022
Aceito em 06/07/2022

Carlos Lima (Paço do Frevo)¹

RESUMO: O presente artigo visa refletir à luz da Museologia Social os encaminhamentos contemporâneos acerca da atividade museológica na relação com a incorporação de narrativas e novos formatos de acervo à instituição, sobretudo ao que tange o manejo de uma coleção que se refere a um patrimônio imaterial. Como ponto para esta reflexão, apresentamos uma breve introdução sobre o Frevo, patrimônio imaterial da humanidade, para em seguida apresentar o Centro de referência em preservação e salvaguarda do Frevo, Paço do Frevo, e a ação do “#ocupacodigital”. Realizada no período da pandemia da Covid-19, a iniciativa protagonizada por membros da comunidade do frevo, através da ativação propositiva provocada pela instituição para que os fazedores ocupassem o perfil do Paço do Frevo na rede social Instagram com conteúdos selecionados pelos próprios agentes da comunidade. O #ocupacodigital se desenvolveu como um processo empírico de curadoria colaborativa e garantiu, no momento de fechamento do espaço físico do museu, a atividade museal, além de gerar acervo de memória institucional a partir da participação efetiva desses fazedores e detentores do saber do frevo.

PALAVRAS-CHAVE: Museologia Social. Curadoria Colaborativa. Patrimônio Imaterial. Acervo Digital. Memória Institucional.

ALL THAT IS SOLID MELTS INTO AIR - NARRATIVES AND STORIES AS IMPULSES OF LIFE AT PAÇO DO FREVO

ABSTRACT: *This article reflects about the social museology and contemporary approaches to museological activity, regarding the management of a collection, to the incorporation of narratives and new collection formats that refers to an intangible heritage. In order to start the discussion, this article addresses a brief introduction about Frevo, a world's intangible heritage, to then present Frevo's reference center on preservation and safeguarding, Paço do Frevo, and the institutional project “#ocupacodigital”. Held in during the Covid-19's pandemic, an initiative carried out by members of the frevo's community, invited them to occupy the Paço do Frevo's profile on Instagram with content selected by those artists and community agents themselves. The #ocupacodigital was developed as an empirical process of collaborative curation and ensured the museum activity, at the time of closing the physical space of the museum, in addition to generating a collection of institutional memory from the effective participation of these makers and holders of frevo's knowledge.*

KEYWORDS: *Social Museology. Collaborative Curator. Intangible Heritage. Digital Collection. Institutional Memory.*

¹ Coordenador de Educação do Paço do Frevo, Mestre em Ciência da Arte (UFF) e Especialista em Museus Identidades e Comunidades (EIPP - Fundaj)

Endereço: Praça do Arsenal, 91, Bairro do Recife, Recife-PE, 50030-360. Fone: (81) 3355-9527, E-mail: claroslima@gmail.com.

TUDO QUE É SÓLIDO SE DESMANCHA NO AR: NARRATIVAS E HISTÓRIAS COMO MOTORES DE VIDA NO PAÇO DO FREVO

Ser museu – construindo uma compreensão de museu e sua função social

Dos desafios que a Museologia enfrenta neste início de milênio, afirmar a relevância do campo, sobretudo para a esfera do poder público, e o seu papel no mundo contemporâneo, parece ser o mais emergente deles. Desde a criação do primeiro curso de Museologia no país e mais recentemente com o surgimento dos cursos de pós-graduação em Museologia na primeira década dos anos 2000, observamos a tentativa de constituir uma definição de Museologia que abarque a pluralidade cultural e a forma como cada uma dessas culturas, singulares, pensa e se relaciona com a ideia de museu. Seja como forma, no que se refere à construção de espaços de representação ou exposições, seja nos processos de produção de valor simbólico que envolvem os estudos sobre os objetos e contextos, a Museologia tem se mostrado como um campo atravessado de influências de outras disciplinas como a Antropologia, a Filosofia, a Sociologia, a Arquivologia, a Linguística, etc..

Em um primeiro momento concebido a partir das coleções materiais, hoje compreende entidades mais abstratas como elementos imateriais, saberes, espaços, fazeres e as relações que se constituem nas interações sociais entre a instituição e o todo que o envolve e permeia.

Apresentar a questão da relação do museu com o desenvolvimento, e mais particularmente à dimensão social de seu desenvolvimento, é então, procurar determinar, a partir de práticas profissionais e institucionais, a atitude dessas diferentes categorias de museus com a sociedade que os circunda, em função dos objetivos políticos e culturais que eles se dão ou que lhes são impostos e, não mais como no passado, a partir da natureza de suas coleções e das competências de suas responsabilidades científicas (VARINE-BOHAN, 2008, p. 12).

Segundo definição do ICOM, “Museu é uma instituição a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”. Vimos que quanto ao formato e tipologia o Museu é diverso. No entanto sua função parece ser bem definida: servir a sociedade e seu desenvolvimento. Um problema aparentemente resolvido, não fosse a nossa incerteza sobre o conceito de sociedade e de desenvolvimento. Termo que tem origem no conceito de comunidade, a sociedade é uma entidade abstrata e pluri semiótica

que pode ser definida como um grande conjunto de contratos específicos, nem imutáveis, nem definitivos, saídos de debates livres e que correspondem à heterogeneidade da vida social.

Estes elementos polifônicos que reivindicam espaço dentro do campo museal poderiam em algum nível comprometer a integralidade do campo museológico promovendo fissuras. No entanto, tais atravessamentos, oriundos das tensões entre as disciplinas e as características *sui generis* de cada bem cultural, patrimônio ou contexto, acabam gerando uma tessitura complexa e instituem um plano de força multidisciplinar, por vezes transdisciplinar, que garante a ampliação do alcance do campo museológico.

É no seio das sociedades que noções de valor, pertencimento, patrimônio e identidade são forjados de modo que, para cada sociedade, encontraremos compreensões e formas distintas de se relacionar com cada um destes termos. Sabemos que o museu é um fenômeno social e deste modo o mundo dos museus está intimamente ligado ao desenvolvimento de noções de patrimônio e memória, mas vai muito além disto. O Museu modelou o entendimento que temos sobre o patrimônio. Desde uma abordagem mais conceitual que discute a dimensão do patrimônio, ou uma abordagem teórico-prática focada nos seus atores, até uma abordagem que destaca as funções que decorrem de sua ação, “a nova museologia incluiu e transformou em profundidade a instituição museológica para ligá-la ao território, à comunidade, ao patrimônio e em geral à vida cotidiana” (VARINE-BOHAN, 2008, p. 19).

Caberá ao museu promover ações capazes de visibilizar, preservar, conservar e comunicar os bens e patrimônios atinentes à determinada comunidade. A Nova Museologia, desde a sua origem abriga diferentes denominações: “Museologia popular, Museologia ativa, Ecomuseologia, Museologia comunitária, Museologia crítica, Museologia dialógica e outras” (CHAGAS, 2014). Com este aporte comunicacional a Museologia pode construir – ou dar a ver – a dimensão de pertencimento e territorialidade a partir do desenvolvimento de conceitos como memória, preservação, salvaguarda, visibilidade, exposição e comunicação/divulgação junto à comunidade.

Seguindo essa perspectiva, é possível introduzir a dimensão e função social que o museu exerce frente à comunidade com a qual se associa. Compreender,

registrar, apresentar e comunicar gerando salvaguarda, atualizando discursos e promovendo novas narrativas sobre si e sobre o patrimônio. Construir caminhos e ser capaz de criar coletivamente respostas aos desafios do presente.

Transgredindo a síncope – Notas proêmias sobre o Frevo

Expressão cultural que arrasta multidões, especialmente durante os festejos momescos, o Frevo é um bem cultural que surge dentro do contexto urbano de Recife e Olinda no final do século XIX. Caracterizado como uma expressão de resistência popular, tem como base da sua musicalidade, a marcha militar, e base da sua dança, os movimentos dos capoeiras.

Segundo definição do Livro de Registro das Formas de Expressão, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instrumento de registro dos patrimônios imateriais nacionais, no qual o Frevo está registrado como bem cultural, instituído pelo Decreto nº 2.551, de 04 de agosto de 2000,

O Frevo é uma forma de expressão musical, coreográfica e poética densamente enraizada em Recife e Olinda, no Estado de Pernambuco. Gênero musical urbano, o Frevo surge no final do século 19, no carnaval, num momento de transição e efervescência social, como expressão das classes populares na configuração dos espaços públicos e das relações sociais nessas cidades. As bandas militares e suas rivalidades, os escravos recém-libertos, os capoeiras, a nova classe operária e os novos espaços urbanos foram elementos definidores na configuração do Frevo. Do repertório eclético das bandas de música, composto por variados estilos musicais, resultaram suas três modalidades, ainda vigentes: Frevo-de-rua, Frevo-de-bloco, Frevo-canção. A instrumentação clássica compreende instrumentos de sopro (trompetes, trombones, tubas, saxofones, clarinetes, requinta, flauta e flautim) e percussão (surdo, caixa e pandeiro). Simultaneamente à música, foi-se inventando o passo, isto é, a dança frenética característica. Improvisada na rua, liberta e vigorosa, criada e recriada por passistas, a dança de jogo de braços e pernas é atribuída à ginga dos capoeiristas, que assumiam a defesa de bandas e blocos, ao mesmo tempo em que criavam a coreografia. Produto deste contexto sócio-histórico singular, desde suas origens o Frevo expressa o protesto político e a crítica social em forma de música, dança e poesia, constituindo-se em símbolo de resistência da cultura pernambucana e expressão significativa da diversidade cultural brasileira (BARBOSA, 2016, p. 16-17).

As primeiras manifestações do Frevo surgiram ainda no século XIX. Envolvido de espírito revolucionário, de resistência e alinhado no tempo com a abolição da escravatura, surge como afirmação das classes populares do seu lugar no espaço urbano público e nas festividades carnavalescas. O Frevo traz na sua gênese o afrontamento em um cenário de ebulição política.

Neste período, muitas práticas relacionadas à cultura negra estavam proibidas com força de lei, dentre elas a capoeira. No entanto, nos cortejos realizados pelas bandas marciais onde era apresentado o Frevo, a presença dos capoeiristas era constante e talvez até necessária do ponto de vista de garantir, em algum nível, a segurança dos músicos, que em sua totalidade eram militares. Reforçando a dimensão dissensual e de implosão de limites que evoca o Frevo, estabelecia-se para os cortejos um acordo tácito entre os membros das bandas militares e esses capoeiristas a fim de garantir a manifestação.

Inicialmente menos frenético, tanto musical quanto coreograficamente, o frevo toma corpo a partir de gêneros musicais, executados pelas bandas marciais e fanfarras, e da presença dos capoeiras, grupos de homens, negros ou mestiços, que, à frente das bandas, se enfrentam na defesa de interesses diversos, inclusive, de partidos políticos (BARBOSA, 2016, p. 21).

A “Dança, caracterizada como passo, bailado solista que assimilou e assimila movimentos das mais variadas procedências, destaca-se a ginga, o vigor e o improviso, provavelmente um legado da presença dos capoeiras no Carnaval de rua” (BARBOSA, 2016, p. 15). As denominações dos passos também se apresentam como reflexo da realidade das populações trabalhadoras e do proletariado, que viam seus instrumentos de trabalho dando nomes aos movimentos coreográficos.

Como música, o Frevo é considerado o primeiro gênero musical criado no Brasil especialmente para o Carnaval, mas sua projeção extrapola os dias de folia. “Gerada pela inspiração de compositores de música ligeira, distingue-se o fato de ser promotora de uma heterogeneidade rítmica, harmônica e melódica, derivada da mescla de gêneros diversos – marcha, dobrado, maxixe, quadrilha, polca”. Com a expansão do mercado fonográfico e a radiodifusão, nos anos de 1930, o ritmo ganhou projeção nacional.

Nas relações entre esses agentes da sociedade da época, a música e a dança eram apresentadas como uma unidade composta na qual uma linguagem retroalimenta a outra, provocando reações em cadeia. Antônio Carlos Nóbrega identifica uma espécie de simbiose entre dança e música, sugerindo que a constante aceleração das performances dos passistas havia provocado os músicos a executar, com as notas e o andamento rítmico, respostas satisfatórias ao vigor que os passos pediam.

Há também uma dimensão visual no frevo que se faz presente de maneira material, nas indumentárias, fantasias, cores e símbolos dos grupos e agremiações, bem como na poesia do frevo cantado.

Na poesia cantada do frevo, no meio da rua, os passistas e brincantes do carnaval pernambucano evocam imagens de outros carnavais, de um tempo que já passou e declaram saudade e seu amor ao Recife. A poesia se caracteriza pelo lirismo do tema saudade, a qual é revestida por um sentimento de perda. Esse sentimento nostálgico não se resume apenas aos antigos carnavais, cujas músicas, fantasias, danças e agremiações se perderam ao longo do tempo, como fruto da dinâmica histórico-cultural, mas também à dor do autoexílio, à crítica social e ao protesto político. Esses temas estão presentes nas letras de compositores de ontem e de hoje, em um discurso poético, repleto de imagens que dão vida a um universo telúrico, no qual o passado resiste e é evocado a todo o momento em um diálogo constante com o presente, em que, apesar das exigências mercadológicas, a poesia se mantém viva na memória e no cotidiano das pessoas (BARBOSA, 2016, p. 15).

Essas narrativas expressas no Frevo, a sua origem histórica e social, seu sentimento de orgulho e saudade, reforçam a construção de um patrimônio complexo no seu surgimento e na sua trajetória, porém que não se fossilizou nos temas do passado e que foi sendo atualizado por seu atores, sem perder seu cunho crítico, provocativo e democrático. Todos esses elementos que são expressos através da música, da dança e dos aspectos visuais, traduzem a força política dessa expressão cultural e elevam os sujeitos envolvidos nos saberes e fazeres do Frevo à condição de detentores desse patrimônio, visíveis a partir das interações entre a comunidade.

O processo de registro do Frevo como patrimônio teve início em fevereiro de 2006, com a solicitação da Prefeitura do Recife ao então ministro da Cultura Gilberto Gil. O levantamento que sucedeu o pedido teve a finalidade de garantir fundamentos que justificassem tal candidatura e adotou como metodologia de trabalho a pesquisa etnográfica.

Todo o trabalho de pesquisa e mobilização para o reconhecimento do frevo como Patrimônio Cultural do Brasil se fundamentou na utilização do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), metodologia disponibilizada pelo Iphan, na certeza de contemplar as relações e os valores que evidenciam e legitimam os processos sociais de preservação, produção e reprodução do patrimônio cultural, da memória social, reconhecimento das identidades e respeito à diversidade dos grupos e categorias sociais trabalhadas (BARBOSA, 2016, p. 16-17).

As escutas para elaboração do inventário foram antecedidas pelos procedimentos de identificação e delimitação das categorias relacionadas e a seleção dos sujeitos, buscando atingir o universo matriz do Frevo. A partir das entrevistas roteirizadas, a história e a memória, sobretudo nas sedes das agremiações, grupos de dança, compositores, músicos e intérpretes, passistas e brincantes foi sendo desenhada onde é mais difícil encontrar fontes escritas. Foram etapas dessa construção a análise e comparação de documentos e fontes bem como o confronto entre a visão de especialistas e estudiosos com a população em geral, que buscou definir significados, motivos, signos, suportes, crenças, aspirações e vicissitudes que o Frevo apresenta.

As lembranças, os esquecimentos, as omissões e as visões particularizadas possibilitaram uma releitura dos ambientes, dos hábitos e das múltiplas histórias ocorridas no universo do frevo. As narrativas revelaram aspectos diversos possibilitando a diversificação de olhares e interpretações acerca dos usos e sentidos sociais, contextualizados a partir da realidade das agremiações carnavalescas, na qual a conduta dos grupos reflete a experiência cotidiana com o lugar, não apenas físico, mas o lugar social, onde os indivíduos compartilham um repertório de práticas (BARBOSA, 2016, p. 18).

Em 2012, o Frevo foi inscrito na Lista Representativa do Patrimônio Imaterial da Humanidade da Unesco, tendo seu reconhecimento como Patrimônio Imaterial da Humanidade. Com o intuito de garantir a preservação deste Patrimônio Imaterial, foi construído em 2014 como uma das políticas de salvaguarda, através de uma iniciativa simultânea da Prefeitura do Recife e Fundação Roberto Marinho, em frente à Praça do Arsenal da Marinha, o Paço do Frevo.

Relicário - Materializando o imaterial

Espaço que inicialmente teria forte influência e participação da comunidade do Frevo na sua concepção e implantação, no momento da sua concepção, sobretudo na implantação da sua exposição de longa duração, levantou alguns desgostos entre os fazedores do Frevo. Elementos que envolvem aspectos sagrados para muitas agremiações estavam sendo tratados de maneira equivocada pela curadoria e neste sentido, ainda hoje a exposição e o próprio Paço se apresentam como espaço de tensionamentos entre esses fazedores que se apresentam como uma comunidade heterogênea e diversa.

Tomando distância desses tensionamentos para destacar a dimensão de comunhão que o Paço também evoca, as práticas, a manifestação no corpo, o brinquedo, a dimensão de imaterialidade são elementos fundamentais para pensarmos a construção do Frevo enquanto patrimônio e por sua vez, revelar aspectos sutis da comunidade que o adere. O Paço do Frevo enquanto instrumento de preservação, salvaguarda e divulgação deste patrimônio, ocupa um lugar para a Comunidade do Frevo se fazer representada.

Identificado não apenas como um museu, mas como um complexo composto por escolas, centro de pesquisa e documentação, além do próprio museu, o Paço do Frevo faz parte do complexo turístico das cidades de Recife e Olinda e possui 2.300m², distribuídos em quatro pavimentos que comportam um centro de documentação e pesquisa, uma escola de música, um estúdio de gravação, uma escola de dança e as salas de exposição onde se apresentam as exposições de longa duração e temporárias. Fruto do engajamento e da articulação entre a sociedade civil, o poder público e o setor privado, é um espaço de encontro, convívio, educação, preservação, salvaguarda, pesquisa e descoberta.

O projeto museográfico, assinado pela curadora Bia Lessa, propõe uma experiência imersiva no universo e nos signos que fazem o Frevo. A visita ao espaço oferece ao visitante a oportunidade de encontrar a história desta expressão cultural através da pesquisa em livros e documentos, exposições de vídeos e visitas às exposições, mas que não se limita a isso. Fazem parte dessa experiência imersiva as programações artísticas, as mediações realizadas pelo setor de educação e as vivências de dança e música. O Paço tem como missão

Consolidar como referência cultural nacional e internacional o FREVO, contribuindo para difundir, pesquisar, capacitar e apoiar profissionalmente nas áreas da dança e da música, dos adereços e as agremiações do frevo, com o objetivo de propagar sua prática para as futuras gerações, valorizar sua memória e reafirmar a política pública de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial reconhecido, primeiramente para a população recifense, para a pernambucana, a brasileira e a estrangeira (PREFEITURA DO RECIFE, 2014, p. 9).

Lugar de convergência e transversalidade dos atores do patrimônio, o Paço do Frevo promove uma série de iniciativas que tem por objetivo visibilizar a história do Frevo e provocar no presente a continuidade dessa história.

Narrativas e histórias como motores de vida

Faz parte da missão institucional presente na Política de Desenvolvimento de Coleções do Centro de Documentação Maestro Guerra-Peixe², desenvolver

processos e procedimentos para formação, crescimento e atualização de seu acervo, assegurando o acesso e disponibilização dos seus conteúdos e documentos para o público interessado nas informações relativas ao universo histórico, antropológico, social, cultural, artístico e político do frevo pernambucano, além de cumprir com as funções previstas em seu Regimento Interno e no plano museológico do Paço do Frevo.

Integram também o universo de atividades, elaborar conteúdos didático-pedagógicos e publicações, desenvolver e estimular a criação de acervos de memória capazes de gerar e guardar, a partir das mais variadas fontes, uma série de informações, conteúdos e narrativas.

² O Centro de Documentação Maestro Guerra-peixe fica localizado no andar térreo do Paço do Frevo e integra a estrutura do centro de referência.

Desde o início dos anos 2000, é possível identificar um crescimento de propostas e projetos de digitalização de acervos envolvendo museus, institutos culturais e grandes coleções. Fruto dessa iniciativa, dentro do recorte dos museus públicos federais, destaca-se o projeto Tainacan que se apresenta como parte das políticas públicas de difusão de acervos digitais e disponibiliza on-line as coleções museológicas do Museu Histórico Nacional, Museu da Inconfidência, Museu Villa-Lobos, Museu de Arqueologia de Itaipu, Museu do Diamante, Museu do Ouro, Museu Regional Casa dos Ottoni, Museu Victor Meirelles, Museu das Missões, Museu Casa de Benjamin Constant, Museu das Bandeiras, Museu Casa da Princesa, Museu Regional de São João del-Rei, Museu de Arte Sacra da Boa Morte, Museu Casa da Hera e Museu Casa Histórica de Alcântara.

A digitalização de acervos e a disponibilização para o acesso das pessoas nas suas casas, as visitas virtuais em 360°, os aplicativos para acesso a bancos de dados e coleções, bem como as redes sociais, foram importantes passos que os museus deram no sentido de se aproximar dos seus públicos.

Ancorados na teoria museológica fundamentada nas discussões geradas a partir da mesa redonda de Santiago, em 1972, dando ênfase ao conceito de museu integral, que leva em consideração a totalidade dos problemas da sociedade, e ao conceito de museu como ação, que entende o museu como instrumento dinâmico de transformação social, que deixa de lado a vocação de coleta e conservação para abraçar a dimensão de patrimônio global que deve ser gerido no interesse das pessoas e de todas as pessoas, apresentaremos a ação do #ocupacodigital. Realizada no período da pandemia da Covid-19 a ação protagonizada pelos detentores do saber do Frevo aponta para o fenômeno museológico dentro de uma perspectiva que considera o contexto e os desafios contemporâneos de se fazer museu e reafirma o compromisso e o engajamento da instituição em promover o desenvolvimento da sociedade com a comunidade.

Diante de um cenário incerto e árido gerado por uma pandemia, as ferramentas digitais foram intensamente incorporadas ao cotidiano das instituições de modo a garantir o compromisso do museu não apenas como ferramenta de pesquisa, preservação, salvaguarda e comunicação do patrimônio, mas como força de suporte à vida e às vozes que o fazem.

No momento em que a visitação presencial precisou ser suspensa, modalidades de inserção digital mais densa começaram a ser pensadas pela Instituição a fim de continuar promovendo a atividade museal e a interação com os públicos, provocando a ativação, articulação e integração maior no ambiente da internet³.

O Paço do Frevo já gozava de uma certa familiaridade com as plataformas digitais. Mesmo antes da pandemia possuía alinhado a sua existência física um site, um canal no Youtube, um perfil no Facebook e um perfil no Instagram, bem como cinco exposições virtuais disponíveis na plataforma Google Arts and Culture e uma visita pelos quatro andares do museu na mesma plataforma. Estas ferramentas já eram relativamente ativas no cotidiano da instituição e facilitaram uma inserção digital mais ampla.

Dentro do conjunto de ações promovidas entre os meses de março a julho há uma diversidade de formatos, dentre elas localizamos o #ocupacodigital como uma ação estratégica que se alinha com os processos de geração de acervo em meio à pandemia.

Ação que inicia a programação de conteúdos digitais do Paço do Frevo, o #ocupacodigital se configurou como um espaço de colaboração da comunidade artística. Nele os artistas da dança, da música, da poesia, agremiações e instituições ligados à comunidade do Frevo realizavam intervenções com conteúdos na rede social do Instagram do Paço, durante os finais de semana, gerando visibilidade para suas produções, suas narrativas e suas histórias. “O #ocupaco tem sido a ação de permanente visibilização da produção artística ligada ao Frevo” (COSTA, 2020).

Iniciado no dia 20 de março com a participação de Valéria Moraes, do Coral Edgard Moraes (@coraledgardmoraes) e do maestro Marco Cezar (@mcbandolim), que realizaram uma *live* nos seus perfis e divulgados pelo Paço que sucedeu dois dias de postagens relativas à memória do Coral no perfil do Instagram do Paço do Frevo (@pacodofrevo). A primeira edição do #ocupacodigital alcançou, nos três dias de postagens, cerca de 2800 pessoas e inaugurou a construção de uma coleção de

³ “A partir daí, a gente começou a pensar modalidades de inserção digital que ativassem e articulassem os públicos do Paço e que provocassem uma integração maior com esses públicos no ambiente da internet.” (transcrição da entrevista realizada em 03 de agosto com a gerente geral do Paço do Frevo.)

fontes, conteúdos e narrativas atreladas à memória do frevo e do Paço do Frevo em meio digital.

Participaram do #ocupacodigital, na sequência, a multiartista e passista de Frevo, Maria Flor (@mariaflor-multiartista), o músico César Michiles (@cesar_michiles), o passista e professor de dança Junior Viegas (@juniorviegasoficial) e o maestro Spok (@spok.oficial). A participação destes artistas, ampliou o formato dos conteúdos, agregando fotografias, playlists, vídeos, projetos, lançamento de livro, apresentação de composições inéditas e de “causos” que ilustravam uma memória afetiva do frevo. As postagens relativas aos quatro fins de semana, somados, alcançaram cerca de 9.600 pessoas.

Como o Paço tem uma rede bem ampla no Instagram, por exemplo, com mais ou menos 28K seguidores, muitos desses participantes não têm essa dimensão nos seus seguidores. Outros tem também, mas mesmo estes que têm, eles sempre têm respondido de maneira muito positiva. Embora para alguns artistas, para alguns núcleos de fazedores do Frevo, a gente vê também a visível necessidade de um adensamento da formação deles acerca da sua intervenção na rede. Então a gente tem artistas que não tem muita familiaridade com o universo das redes sociais. Artistas que não tem perfil, por exemplo, a gente já esbarrou nessa dificuldade. A gente gostaria de trazer um artista A, B ou C e esse artista não tem rede. Então esse é um elemento dificultador para a realização da ação, mas de modo geral as respostas têm sido muito positivas (COSTA, 2020).

Flaira Ferro (@flaira_ferro), cantora, deu sequência à ocupação do Instagram do Paço do Frevo, alcançando com as postagens de conteúdo dos três dias cerca de 20.000 pessoas. No último dia de ocupação da artista, foi lançado o desafio #frevoemcasa que convidou outras três passistas, @mariaeugeniatita, @becagondim e @mgabrielalc, a produzirem, cada uma, um vídeo-registro de dança em meio à pandemia e, a partir daí, convocar outras pessoas a fazer o mesmo.

O desafio consistiu em cada participante gravar um vídeo dançando frevo, postar no perfil do Instagram com a “hashtag” #frevoemcasa e desafiar outras três pessoas da sua rede de contatos a fazer o mesmo. A ação teve um amplo alcance e os vídeos postados pelos participantes foram compilados e postados no perfil institucional do Paço do Frevo. A ação trazia, além da dimensão festiva, um engajamento social, uma vez que reforçava a importância de as pessoas

permanecerem em isolamento social no momento da pandemia, e gerou um senso de coletividade entre os participantes.

No #ocupacodigital da Troça Carnavalesca Turma da Pitombeira dos Quatro Cantos (@turmadapitombeira), o conteúdo do primeiro dia começou com um vídeo da participação da troça no Arrastão do Frevo, seguido de antigas fotografias em preto e branco ou sépia do acervo da agremiação ou extraídas de jornais, que registravam saídas da troça no carnaval de Olinda. Esse formato foi utilizado nas postagens dos dias subsequentes: um vídeo e um carrossel de fotografias. Os vídeos mostrando saídas nas prévias do carnaval e as imagens mostrando desfiles dos cortejos, associados aos textos que acompanhavam as postagens e falavam dos 73 anos de história da agremiação, evocavam sentimentos de saudosismo, alegria e esperança no fim do isolamento social.

A ocupação do compositor e pianista Amaro Freitas (@amarofreitaspiano) trouxe uma brisa de atualização do Frevo, apresentando aspectos autobiográficos da presença da música em sua vida, os diálogos que surgem entre o Frevo e o Jazz e a presença de artistas como os cantores Milton Nascimento e MC Criolo. Nas postagens, o formato vídeo foi exclusivo e apresentaram depoimento do artista, registros de suas participações em eventos do Paço do Frevo como a Hora do Frevo, apresentações em lugares como o Lincoln Center⁴ e vídeos desenvolvidos em parceria com outros artistas.

A gente já teve artistas da música, da dança e a partir do momento que o projeto foi se desenvolvendo - Eu acho que essa é uma das características importante para uma instituição que se reflete, que se pensa e que se analisa - o #ocupaco foi se modificando também no sentido de atender algumas especificidades que a gente mesmo foi pensando, e outras vindas por parte dessa integração com os públicos. O #ocupaco começou como uma plataforma de ocupação especificamente dos artistas da música e da dança, e hoje ele está completamente diverso. Tem os artistas da música e da dança ligados ao frevo e tem outras interações que a gente está se provocando a partir das temáticas que a gente aborda mensalmente ou aborda a partir do que está acontecendo no mundo. Isso também é muito importante. (...) A gente não pode estar alheio, a gente não poderia estar alheio por exemplo ao fato de que a gente sempre se engajou. Então, no dia da visibilidade LGBTQIA+, nesse ano, a gente

⁴ O Lincoln Center é um complexo de prédios localizados em Nova Iorque, Estados Unidos, que abriga a sede de 10 companhias artísticas como, a *Juilliard School*, a *Orquestra Filarmônica de Nova Iorque*, a *Lincoln Center Theater*, a *Metropolitan Opera*, e a *New York City Ballet*.

possibilitou, a gente instigou uma ativação sobre o tema através da ocupação do museu da diversidade sexual, que esteve nas nossas redes enquanto #ocupaco. Este é um exemplo de como o #ocupaco ele foi se modificando ao longo desse percurso (COSTA, 2020).

Abriu caminho para esta atualização de formato e reforço no engajamento de pauta, a ocupação realizada pelo Museu Afro Brasil (@museuafrobrasil), nos dias 15, 16 e 17 de maio de 2020, na sequência do #ocupacodigital de Amaro Freitas. No referido fim de semana, ocorreu a ocupação em formato de intercâmbio. À medida que o Instagram do Paço do Frevo era ocupado pelo Museu Afro Brasil, o Instagram do Museu Afro Brasil era ocupado com conteúdos do Paço do Frevo. A iniciativa deu a ver como as duas instituições dialogavam com seus acervos, partindo do reconhecimento da importância da cultura afrobrasileira na criação do Frevo e promoveu a circulação digital de acervos e visibilizou ações realizadas por ambas instituições.

Este formato foi seguido em outros momentos com o Museu da Diversidade Sexual (@museudadiversidadesexual), nos dias 26 e 27 de junho, em referência ao mês da visibilidade e orgulho da diversidade sexual; com o Festival Latinidades (@afrolatinas), no fim de semana dos dias 24 e 25 de julho, em referência ao Dia da Mulher Negra Caribenha e Latinoamericana; com o Centro Nacional do Folclore e da Cultura Popular (@museudefolclore), no fim de semana de 28 e 29 de agosto, em referência ao mês do patrimônio; com o Museu do Samba (@museudosamba), nos dias 25 e 26 de setembro; e com a Fundação Mercedes Sosa (@fundacionmercedessosa), nos dias 30 e 31 de outubro.

Até o mês de julho, participaram do #ocupacodigital, o artista e professor de dança Orun Santana (@orun.santana); o quarteto de choro Fios de Choro (@fiosdechoro); o passista, coreógrafo e professor de dança Pinho Fidelis (@pinhofideliss); a agremiação o Boi da Macuca (@macuca.oficial); a coreógrafa, antropóloga, artesã e quadrilheira Leila Nascimento (@leila.nascimento); o Museu da Diversidade Sexual (@museudadiversidadesexual); a escritora, poeta, declamadora, cantora, atriz e performer Luna Vitrolira (@luna_vitrolira); a Orquestra Back Stage (@orquestrabackstage) e a Troça Tá Bom a Gente Freva (@tabomagentefreva), em referência ao dia do rock; a educadora e capoeirista Gaby

Conde (@gabycym); o Festival Latinidades (@afrolatinas); o passista de frevo e artista-pesquisador em dança, Jefferson Figueiredo (@jefferson_figueiredo);

Entre os “Os ocupaços, voltados mais ao que os artistas fazem na vida real, vamos dizer assim, foram os mais responsivos” (COSTA, 2020).

Foram realizados até o momento 18 ocupaços, com a participação paritária entre homens e mulheres e instituições. (...) os ocupaços que mais mobilizaram as pessoas foram aqueles que trouxeram mais para o cotidiano. Aqueles artistas que trouxeram coisas inéditas, artistas que trouxeram um pouco da sua vida pessoal, foram os que tiveram mais engajamento. (...) O ocupaço de Flaira Ferro foi bem instigante, o ocupaço de Amaro Freitas também, o de Pinho também teve bastante resposta (COSTA, 2020).

Abrindo as postagens do mês de agosto do #ocupacodigital, a tradicional agremiação com 68 anos de história, Clube Carnavalesco Elefante de Olinda (@elefantedeolinda), apresentou parte da sua história antiga e mais recente através de imagens em preto e branco de arquivo de jornais, que mostram desfiles do bloco nos primeiros anos da sua existência, alternadas com imagens de desfiles atuais. Seguiram-se a este, no mês de agosto, os ocupaços do artesão mascareiro Julião das Máscaras (@bazardasmascaras_); da Banda Musical Curica (@bandacurica), que tem uma história iniciada em 1848 e em 2005 foi reconhecida oficialmente, pelo governo do Estado através da FUNDARPE, como Patrimônio Vivo de Pernambuco; e do Centro Nacional do Folclore e da Cultura Popular (@museudedefolclore).

Nos meses de setembro, outubro e novembro, participaram do #ocupacodigital, em sequência, o Bloco da Saudade (@blocodasaudade); o passista e professor de dança, Carlos Frevo (@carlosfrevo); a cantora Nena Queiroga (@nenaqueiroga); o Museu do Samba (@museudosamba); a Troça Carnavalesca Mista John Travolta (@t.c.m.johntravolta); o Mundo Bitá (@mundobita), em referência ao dia das crianças, com o Bigode Laranja – Bloco do Bitá; o Grupo Guerreiros do Passo (@guerreirosdopasso); o Maestro Forró (@maestroforro); a Fundação Mercedes Sosa (@fundacionmercedessosa); a passista e dançarina Rebeca Gondim (@rebecagondim__); a passista e professora de frevo Zenaide Bezerra; o Maestro Edson Rodrigues (@edsonrodriguesmaestro); e o Bloco Afro Ilê Aiyê (@blocoileaiye).

Por hora nós temos trabalhado com os artistas que já tem redes sociais para facilitar os diálogos, para facilitar as interações, para facilitar a própria divulgação desses artistas, embora a gente saiba a necessidade de intensificar mais a presença digital da Comunidade do Frevo. Eu acho que o desafio que se desenha pra gente nesses próximos meses, é justamente de que a gente possa integrar mais e se integrar mais com esta comunidade que não tem acesso às redes. E eu não digo só as redes sociais tipo Instagram e Facebook, mas a própria internet em si, a gente sabe que é um elemento de extrema exclusão. O desafio seguramente para o Paço, e para qualquer instituição museal que pensa nesses termos, é justamente diminuir essas barreiras, romper essas barreiras (COSTA, 2020).

Em 2020, foram realizados 37 ocupações digitais, que alcançaram mais de 60.000 pessoas, ampliando a dimensão perceptiva e estética do fenômeno museal, gerando acervos de memória institucional digital, promovendo narrativas a partir da participação direta da comunidade detentora dos saberes e fazeres do frevo, além de gerar intercâmbio de temáticas e acervos digitais institucionais. Em apenas um deles, a convidada ocupante da rede social do museu não possuía perfil pessoal no Instagram, o que provocou o Paço do Frevo a se aproximar diretamente da fazedora e produzir junto com ela, oferecendo suporte institucional, a curadoria dos conteúdos que seriam disponibilizados.

Encontrar propósito e descobrir maneiras de seguir com a atividade museal, adaptando sua missão a novos meios, oferecendo respostas aos desafios do presente é um exercício de autorreflexão para os museus. Alinhar os diálogos e interesses da comunidade a qual o museu atende, se associa e que dele se utiliza para desenvolver estratégias de sobrevivência, criação de conteúdos, preservação, salvaguarda e divulgação de acervos atrelados ao patrimônio imaterial tem sido um caminho adotado pelo Paço do Frevo para manter o fenômeno museal vivo, sobretudo diante das perspectivas que a pandemia apresentava. Provocar narrativas e histórias como motores de vida, um novo propósito construído especialmente para as novas necessidades emocionais e às vezes físicas das pessoas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Yêda. **Dossiê do Frevo**. Brasília, DF: Iphan, 2016

BRASIL. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. 2007

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA MAESTRO GUERRA-PEIXE. **Regimento Interno do Centro de Documentação e Memória Maestro Guerra-Peixe**. Recife: Centro de Documentação e Memória Maestro Guerra-Peixe do Núcleo de Pesquisa e Documentação/ Gerência de Conteúdo do Paço do Frevo, 2014.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA MAESTRO GUERRA-PEIXE. **Política de desenvolvimento de coleções do Centro de Documentação Maestro Guerra-Peixe**. Recife: Coordenação de Conteúdo/Gerência de Conteúdo do Paço do Frevo, 2021.

CHAGAS, Mario; GOUVEIA, Inês. **Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação)**. Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41, pp. 09-22, 2014.

DURHAM, E. R. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

LIMA, Carlos. **Frevo – uma comunidade em devir - Inspirações para um museu comunitário em meio à pandemia**. Recife, 2020, 53p., Monografia, Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Museus, Identidades e Comunidades - Cemic, Escola de Inovação e Políticas Públicas - Eipp, Fundação Joaquim Nabuco - Fundaj.

MANOEL-CARDOSO, Pedro. **O que é museologia?**. Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41, pp. 115-152, 2014.

MONTEIRO, Hugo, **A literatura e a poesia do frevo. Expressão da arte: as relações do frevo com a literatura**. Em LELIS, Carmem, Frevo patrimônio imaterial do Brasil: síntese do dossiê de candidatura. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2011.

PREFEITURA DO RECIFE. **Plano museológico do Paço do Frevo**. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/wp-content/uploads/Anexo-A-TR-Plano-Museol%C3%B3gico-Pa%C3%A7o-do-Frevo.pdf> Acessado em: 26/03/2020

RODRIGUES, Edson Carlos. **Abafo, ventania e coqueiro**. In: SILVA, Leonardo Dantas e SOUTO-MAIOR, Mário. *Antologia do Carnaval do Recife*. Recife: Fundaj - Editora Massangana, 1991. p. 67-72.

SCHEINER, T. C. **Museologia e patrimônio: interfaces disciplinares entre a França e o Brasil**. In. *Ciência & Trópico*, vol. 33, n. 2, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2009.

STRÁNSKÝ, Z. Z. **O objeto da Museologia**. In: BRULON SOARES, Bruno; BARAÇAL, Anaildo Bernardo. *Stránský: uma ponte Brno – Brasil / Stránský: a bridge Brno – Brazil*. Paris: ICOFOM, 2017. p. 18-27.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **Museologia social: apontamentos históricos e conceituais**. In: *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 52, n. 8, Lisboa, 2016. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/684>. Acesso em: 05/05/2022.

VARINE-BOHAN, Huges de. **Museus e desenvolvimento local: um balanço crítico**. In. Museus como agente de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas. Org. BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Kátia Regina Felipini. *Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento*[S.l: s.n.], 2008.

VICENTE, Valéria. SOUZA, Giorrdani de. **Frevo para aprender e ensinar**. Olinda: Editora da Associação Reviva; Recife: Editora UFPE, 2015

http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso em: 19/05/2022

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm Acesso em: 16/05/2022

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/praxis/482/5023019-DICIONARIO-DE-SOCIOLOGIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 09/05/2022

<https://elpais.com/cultura/2020-04-13/el-museo-del-futuro-se-despide-de-las-exposiciones-de-masas.html> Acesso em: 15/05/2022

<https://www.recife.pe.gov.br/especiais/brincantes/2d.html> Acesso em: 13/05/2022

<https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/2020/03/26/paco-do-frevo-lanca-ocupacodigital-para-mobilizar-artistas-a-resistir-aos-impactos-da-pandemia-sobre-industria-cultural.ghtml> Acesso em: 19/04/2022

<http://empatheticmuseum.weebly.com/maturity-model.html> Acesso em: 03/05/2020